

# UM NOVO TRATADO DE DEFESA EUROPEIA E UM QUARTEL-GENERAL

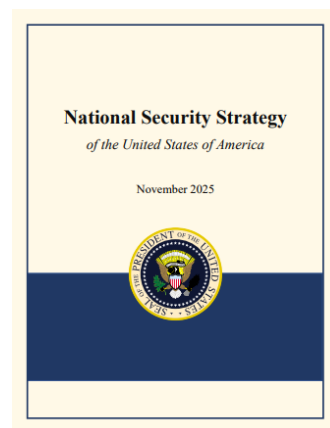
Putin fala de paz mas, porca miséria, todas as noites lança 1.200 mísseis. [...] Diz que se deterá depois de ter anexado aqueles territórios, mas vejo um milhão e meio de militares, dois milhões em reserva, um recrutamento que está aumentando, uma economia de guerra. E, depois, estão a Estónia, a Letónia e a própria Polónia, que temem ter o mesmo fim da Ucrânia...justificar alguém que, enquanto falamos, está a lançar bombas contra escolas e hospitais, significa ajudá-lo.

Guido Crosetto, ministro da Defesa italiano<sup>1</sup>

Desde que, concluída o período designado por *Guerra Fria* (1947-1989), os países europeus deram início à muito imprudente contracção das suas capacidades militares, nunca deixei de encontrar na imprensa, portuguesa e estrangeira, artigos de opinião e entrevistas de responsáveis militares, no activo ou na reserva/reforma, que alertavam os leitores e os poderes públicos para os riscos dessa diminuição de potencial militar. Esses alertas foram feitos muito antes de se ter perfilado a ameaça do actual regime da Federação Russa, uma vez que os militares responsáveis sabem bem que reduzir efectivos e meios é uma evolução de rápida e fácil execução, contrariamente ao que sucede com uma expansão, como a que, presentemente, está em curso na Europa, a qual é inevitavelmente lenta e consumidora de recursos financeiros. Oportunamente, também dei o meu contributo para esta campanha de sensibilização<sup>2</sup>. A situação em que a Europa se encontra quanto às suas capacidades militares resulta, por conseguinte, de decisões políticas ao arrepio dos conselhos das estruturas de comando e da opinião dos articulistas castrenses.

A partir do momento em que o segundo mandato de Donald Trump nos trouxe a certeza da rotura dos EUA com o espírito do Tratado do Atlântico Norte, começaram a surgir algumas tímidas referências à necessidade de os governos europeus considerarem a organização de umas Forças Armadas Europeias, capazes de, sem o concurso do ex-aliado americano, fazerem frente à ameaça do regime de Putin. Mas não se passou de um exercício teórico, o qual logo se confrontou com a discordância dos poderes temerosos do presidente americano e dos comentadores que teimam em achar que os hospitais, as escolas e as habitações – as estruturas físicas do Estado Social – não correm o risco de ser bombardeadas.

A recente publicação, pelo governo de Washington, da sua Estratégia de Segurança Nacional veio confirmar todos os indícios que apontavam para a separação dos EUA dos seus aliados europeus e para a cumplicidade entre Trump e Putin, tornando da máxima prudência a redução das expectativas quanto à validade da OTAN para a defesa da Europa.



<sup>1</sup> [https://www.corriere.it/politica/25\\_dicembre\\_13/crosetto-deluso-da-washington-non-trattino-la-pace-in-europa-e35974af-9fde-4fc6-84c0-0787d856cxlk.shtml](https://www.corriere.it/politica/25_dicembre_13/crosetto-deluso-da-washington-non-trattino-la-pace-in-europa-e35974af-9fde-4fc6-84c0-0787d856cxlk.shtml)

<sup>2</sup> Ver, neste blogue, [https://8687137f62.clvaw-cdnwnd.com/e3943478f9ee52879e612e51381cccab/200001194-e5184e5186/Interesse\\_Guerra.pdf](https://8687137f62.clvaw-cdnwnd.com/e3943478f9ee52879e612e51381cccab/200001194-e5184e5186/Interesse_Guerra.pdf)

Perante a crua clarificação do relacionamento entre os EUA e a Europa, fiquei na expectativa de uma reacção de cariz político-militar, demonstradora de uma atempada preparação para responder ao profundo golpe que agora se materializou contra a defesa da Europa. Esperava, nomeadamente, que fosse anunciada a intenção de subscrever um novo ***Tratado de Defesa Europeia*** (TDE) que se sobreporia ao *Tratado do Atlântico Norte*, numa situação de emergência em que os EUA se recusassem a agir.

Este TDE seria, naturalmente, muito semelhante ao *Tratado do Atlântico Norte*, mas asseguraria os seguintes aspectos próprios:

- Poderia ser subscrito por países que não são actuais membros da OTAN (Áustria e Irlanda, por exemplo);
- Poderia ser subscrito por países que não fazem parte da União Europeia (Reino Unido e Noruega, por exemplo);
- As decisões seriam tomadas por maioria qualificada, evitando-se os bloqueios decorrentes da unanimidade obrigatória.

Resolvida a questão política, esperaria que fosse anunciada uma estrutura militar, começando, naturalmente, na criação de um Quartel-General Europeu (QGE), capaz de substituir o SHAPE (Supreme Headquarters Allied Powers Europe), liderado por um oficial-general europeu. Este QGE estaria preparado para comandar as estruturas operacionais subordinadas dos três ramos das Forças Armadas. Dadas as características essencialmente terrestres do potencial opositor, esperaria que, desde já, fosse anunciada a criação de quartéis-generais do escalão corpo de exército, uns nacionais e outros mistos, capazes de reunir, mover e empenhar as unidades que lhes fossem atribuídas. De modo semelhante aos procedimentos utilizados em âmbito OTAN, esperar-se-ia que este QGE definisse o grau de prontidão das unidades – sob comando, atribuídas e de reserva geral –, tendo em atenção as diversas condicionantes logísticas. Destas, em alta prioridade, o complicadíssimo transporte das unidades ocidentais para Leste, logo que a situação de alerta o justificasse.

Esperaria, também, que fosse anunciada a criação de um comando, subordinado do QGE, que tivesse por missão a aquisição e preparação de **meios não-nacionais**, especificamente destinados a suprir as capacidades que, até agora, só têm estado ao alcance das Forças Armadas dos EUA, designadamente nas áreas dos satélites de informações, da defesa aérea, dos mísseis de grande alcance, do transporte estratégico e do comando e controlo. E, certamente, haveria uma forma de integrar e operar os meios nucleares britânicos e franceses.

Esperava, mas não aconteceu. Parece haver uma paralisia política, que, entre nós, se expressa pela quase absoluta omissão do perigo de guerra nos debates para eleição do PR/Comandante Chefe.

Nada disto é apenas muito urgente. Devia estar implantado há vários anos. O atraso é enorme e as soluções, mesmo as que se impõem, requerem VONTADE e TEMPO.

Teremos essa VONTADE e esse TEMPO?

David Martelo – 17 de Dezembro de 2025